

“UM GALO SOZINHO NÃO TECE UMA MANHÃ”: O MOVIMENTO DOCENTE NA PUC-RIO ENTRE OS ANOS 1977 E 1990.

Aluna: Julia de Paula França

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves

Introdução

A ideia que o governo do presidente Ernesto Geisel foi responsável por uma abertura política lenta, gradual e irrestrita, caracterizando um pacífico retorno à democracia, vem sendo desconstruída. Um memorando secreto da CIA recentemente divulgado pela grande imprensa revelou que Geisel autorizou a execução de opositores durante o seu mandato. O que comprova que, durante o período, os diferentes setores da sociedade ainda tinham pelo que lutar. Foi no decorrer desse momento que novos movimentos sociais urbanos surgiram em diferentes âmbitos – como em associações de bairros, igrejas e universidades - e exerceram um papel importante na resistência ao estado autoritário.

O movimento docente foi um dos que se fortaleceu, o que levou ao surgimento de Associações de Docentes (ADs) em universidades nas mais diferentes regiões brasileiras. Isso porque os professores sentiam que a academia estava isolada face a sociedade por conta das arbitrariedades do Regime Militar e queriam elaborar um papel histórico essencialmente político para a universidade [1]. A PUC-Rio foi um dos lugares no qual os docentes decidiram se unir. A Associação de Docentes da PUC (ADPUC) foi criada em dezembro de 1977 e, durante os anos de ebulição, lotou os auditórios da Universidade com assembleias acaloradas. A ADPUC se comunicava com seu público alvo por meio de um periódico, intitulado *Boletim da ADPUC*, cujo logotipo era um galo: inspirado no poema de João Cabral de Melo Neto *Tecendo a manhã*, utilizava da ideia de que “um galo sozinho não tece uma manhã” [2] para representar a Associação como um lugar de encontro e de aliança, inclusive com outras ADs.

Inicialmente as reivindicações dos professores associados à ADPUC eram, sobretudo, pela democracia, tanto fora como dentro da Universidade, se aproximando das questões políticas que perpassavam o Brasil e o mundo naquele período. Posteriormente, o foco se restringiu a questões financeiras e trabalhistas do campo universitário.

Objetivos

A pesquisa visa entender como, naquele período, a PUC-Rio era um espaço de trocas, tal como é hoje, resultado de diferentes transformações ocorridas ao longo de sua história, tendo como um dos sujeitos das mudanças os professores membros da ADPUC. Para isso, é preciso abordar: 1- O porquê dos docentes da PUC-Rio decidirem que precisavam se unir e criar uma associação no chamado período da redemocratização; 2- A importância da publicação de um periódico elaborado pelos membros associados à ADPUC; 3- De que forma um jornal pode servir de fonte histórica, estudando tanto o quê e como foram publicadas as matérias e o que pode ser lido nas entrelinhas; 4- Como a memória oral de quem viveu o período é, ao mesmo tempo, rica e relativa e como ela é fundamental para contar a história da ADPUC e da PUC-Rio; 5- Os momentos de grande mobilização da Associação, como também as suas conquistas; 6- As possíveis razões para a desmobilização do movimento, que culminaram com o fim da ADPUC.

Metodologia

Para compreender o porquê a PUC-Rio de hoje apresentar certas características e qual foi a importância dos professores como sujeitos coletivos nesta caminhada, foi utilizado o texto

do historiador Jacques Le Goff [3] que destaca a importância da existência de um diálogo entre história e memória. Já para uma análise mais específica do movimento docente na PUC-Rio, foi realizada leitura dos exemplares encontrados do periódico da ADPUC. A maior parte destas edições reunidas foi cedida ao acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio por professores que foram ligados à Associação. No acervo da Reitoria da Universidade também foram encontradas algumas edições. A análise feita sobre o periódico foi realizada a partir da noção do antropólogo Clifford Geertz de “descrição densa” [4], na qual a importância da etnografia se apresenta por meio da percepção das particularidades em busca de significados através da interpretação.

Foram também feitas entrevistas com professores que fizeram parte da ADPUC. A memória oral foi estudada sob a ótica do artigo *O Grande Mentiroso*, escrito por Janaína Amado [5], a partir do qual se pode discorrer sobre a relação da memória oral e da história. Por fim, para analisar a atuação e as conquistas do movimento docente no âmbito da PUC-Rio foi utilizada a perspectiva apresentada pelo texto de Carlo Ginzburg, *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* [6]: ao comparar dois eventos de grande mobilização da ADPUC, procurou-se entendê-los como possíveis indícios, que poderiam nos ajudar a compreender os valores e a identidade da Associação.

Conclusões

Foi possível perceber que o movimento docente na PUC-Rio passou por oscilações. Em um primeiro momento, havia dúvidas sobre quais seriam as pautas de suas reivindicações. Mas, em relação aos conflitos com a Administração Central da Universidade, houve períodos de grande mobilização alternados com fases letárgicas e também proximidade ou maior distanciamento com o sindicato de professores. Mesmo a ADPUC trazendo em si contradições, por meio da pesquisa foi factível perceber que os ganhos da Associação ecoam pelos corredores da Universidade até os dias atuais. Tanto que, por mais que a ADPUC tenha tido sua história marcada por desentendimentos com a Administração Central, no Relatório Anual da Reitoria do ano de 1999 [7], o então Reitor Padre Jesús Hortal Sánchez S.J. diz que sente saudades da ADPUC, ou melhor, a falta de um órgão de representação dos professores.

Através da análise da memória oral foi possível compreender o que Le Goff afirma ao definir a memória como “fiel e móvel” [8]. Isso porque os entrevistados contaram versões diferentes de um mesmo fato que, no fim, mais somaram do que complicaram a compreensão do que era o movimento docente e a ADPUC.

Referências

- 1- OTRANTO, Celia Regina. Movimento Sindical Docente: história e crise. **Revista Universidade Rural**. Série Ciências Humanas, Seropédica - RJ, v. 22, n. 2, p. 213-230, 2000.
- 2- MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a manhã apud BOLETIM DA ADPUC n° 4. Rio de Janeiro: ADPUC, set./out. 1978. p. 2.
- 3- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi volume 1: História – Memória**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.
- 4- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989. p. 13-41.
- 5- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **Revista História**, São Paulo, v. 14, p. 125-136, 1995.
- 6- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 143-179.
- 7- HORTAL, Jesús. **Relatório da Reitoria da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro 1999**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1999. p. 15.
- 8- LE GOFF, Jacques, op. cit.